

# Sôbre o planalto de Maracajú

M. CAVALCANTI PROENÇA

O planalto central do Brasil, quando atravessa de Goiás para Mato Grosso, sulcado pelas águas dos grandes rios, subdivide-se em vários chapadões que constituem a maioria das nossas "serras": Chapada, S. Lourenço, Maracajú...

Esta última é o divisor que separa as águas do Paraná das do Paraguai, e em cuja superfície alternam as manchas de arenito de Botucatú e os afloramentos de trap, denudado pelo trabalho de erosão, originando a dualidade de revestimento florístico, — cerrados e campinas — em que sobressaem os famosos campos da vacaria onde as melhores gramíneas se desenvolvem sôbre a terra roxa que forma o solo d'esses campos.

A cobertura vegetal do planalto não apresenta características que possam diferenciá-lo dos demais chapadões matogrossenses. Os mesmos cerrados de vegetação subxerófila, mais raros ou mais compactos, constituindo os cerradões, com a mesma predominância de arvores características como o imbirussú, empenachado de flôres alvas, o pau terra, a aroeirinha, e a indefectível lixeira de galhos estorcidos e sinuosos, como um diagrama, registrando, ao vivo, as longas estiadas e os períodos das chuvas torrenciais, na época das águas.

As mesmas savanas e os mesmos campos onde, em variada sociedade, as gramíneas se estendem num manto homogêneo, salpicado de áreas de guavira ou de cajuí.

Elevando-se nas depressões do terreno, as cabeceiras ou pin-daibas, do nome do vegetal dominante no agrupamento botânico, ao qual se entremeiam os leques elegantíssimos dos buritís, denunciadores da proximidade do lençol d'água.

Característico no entanto é o revestimento dos campos da Vacaria, condicionado à sua própria estrutura geológica, nos

quais pode ser encontrado o capim mimoso, constituindo os campos mais ricos da região.

Campos e campos a perder de vista, levemente ondulados, sugerindo a necessidade de gado, pontilhando de claro ou de escuro a monotonia do verde.

E na verdade ótimos campos de criação.

Mas não exageremos, porque o descampado tem também os inimigos da pecuária.

Si podemos contar com a água perene e clara de cima da serra, também existe o vento de Nordeste, soprando como um inimigo, nos meses da seca, com uma sede insaciável.

Bebendo numa evaporação brusca e gigantesca, a água das lagoas que se formam nos altos sobre as placas impermeáveis dos afloramentos rochosos. Crestando as folhas, endurecendo as hastes das gramíneas que se defendem com incrustações de sílica, salvando da evaporação a pouca água que conseguiram armazenar, mas tornando-se impróprias à alimentação do gado.

Numa aliança de males o Nordeste auxilia as queimadas devastadoras, surgidas em agosto, às vezes não se sabe de onde, transformando o pasto seco em lençol de carvão e cinzas, influindo nas cabeceiras onde a água amiga se transforma em traição.

Porquê no brejo a brotação do verde se antecipa aos demais pontos atingidos pela queimada.

Alí afluem o gado enfraquecido pela má qualidade do pasto e pelo "curso" que produzem as cinzas de um alto teor em mais de potássio.

Caminham para a verde brotação dos banhados e encontram a morte nos atoladouros donde não são capazes de sair, dada a extrema fraquesa a que chegaram. Lutam de começo, quando percebem o engano, mas a cada esforço, mais se agrava a situação. Até que por fim esmorecem.

Quando os vaqueiros, à custa de muito esforço, conseguem retirá-los, quasi sempre não mais podem levantar-se. Quebraram as carnes, na expressiva terminologia local, e só há um remédio que é tirar o couro, si este, por muito escoriado, ainda de todo não perdeu o valor. Além disso a intercadência de períodos longos de águas e secas causa a depreciação de muitos

bezerros que, nascendo nas águas, seis meses depois, quando se vai dar o desmame e o animal precisa de uma ração suplementar, porquê o leite diminue não tem onde encontra-la. Os prados estão secos e a forragem dura, ocasionando uma parada do crescimento, que só retorna com a época das águas.

E ainda citemos a pobreza quasi geral de cálcio que diminue o talhe dos cavalos e desvia o aprumo dos burros que se criam na serra sem cuidados.

Paremos entretanto, neste relacionar de desvantagens que pode dar a impressão de que são elas em tão grande número, a ponto de destruírem o que afirmamos antes. Mas não neguemos a verdade numa ingênua e perniciosa louvação.

Ainda assim a zona é muito boa, porquê possui água em abundância dos afluentes de Paraná e Paraguai, afluentes em que as cabeceiras quasi se confundem numa comunidade de origem vendo-se, próximos de Campo Grande o Piraputangas e Imbirussú, cujas nascentes não distam mais de dois quilômetros, uma da outra.

E só quem já assistiu períodos de longos secas, como as que há seis anos assolam o pantanal do Paraguai sabe que a falta de água emagrece mais o gado que o pasto ressequido sobre o qual há sempre o sereno benfazejo, preparando o capim para a alimentação dos animais.

Sem as alagações e carências de água que caracterizam o pantanal, permitem os campos uma melhor utilização do arame nas divisões das fazendas e as pastagens cuidadas ou artificiais, aliadas ao mestiçamento, têm criado o aumento de talhe que o campo natural e a pobreza de cálcio teimam em diminuir.

E como fator decisivo de melhoria assegurada, a proximidade de S. Paulo que o descobriu e povoou de homens civilizados e hoje o redescobre e despovoa de gado, como outrora de índios.

O planalto de Maracajú tem facilitado através dos tempos a penetração paulista no território matogrossense, por um conjunto de fatores bons e maus, todos eles concorrendo para facilidade da ação.

Descendo pelo Tieté encachoeirado ou em longas caminhadas, procurando abarcar o mundo com as pernas, os bandeirantes,

tes detinham-se diante do Paraná. Rio largo de águas barrentas, estrondando majestoso, saltando de cima da rocha, em Guaira.

Paravam diante dêle, mas em breve a maleita e outras enfermidades assaltavam-nos, criando o imperativo do abandono das margens malignadas, pelo regresso imediato ou pela continuação da viagem. Como o primeiro dêstes verbos, não existiu no dicionário das bandeiras tôdas prosseguiram viagem, invadindo o território matogrossense onde o rio Pardo, o Ivinhema e o aclive suave do chapadão representavam um mundo de facilidades para aqueles rudes sertanistas cuja designação justa seria a de fragueiros, não fosse o preciosismo do termo.

Desde logo a fama do Paraná se difunde e as monções prevenidas, si chegavam tarde à boca do Tieté iam dormir Sucuriu acima, afim de evitar "os maus vapores do Rio Grande". Varavam ou trocavam as canôas em Camapuan, desciam o Miranda e ganhavam o pantanal do Paraguai, descobrindo o el-dorado cuiabano. Muito antes porém já haviam destruído as veleidades de infiltração castelhana dêste lado do Brasil. E as cidades de Melgarejo foram castelos de cartas que não resistiram ao vendaval das sortidas de Raposo Tavares, o andarilho que foi até ao Perú e a temibilidade de um Pedroso que quasi mata de assombro a Andino, general Castelhana. Destruíram no caminho o que acharam de estrangeiro e, como não lhes sobrava laser para construir, deixaram o caminho livre e sem guarnição.

Sem guarnição propriamente não é certo.

Deixaram os Guaicurús que estouravam boiadas e tropas de cavalos sôbre os castelhanos pávidos, criando-lhes um medo que seria a maior garantia de inviolabilidade dêste trecho da terra. Menos para os bandeirantes que continuaram a cruzá-lo tranquilos, pois índios sempre foram a sua mercadoria e não lhes podiam causar receios.

Só muito mais tarde fôrças militares e os padres começaram a organizar postos, juntos dos quais se foram formando as povoações até que paulistas, mineiros, cuiabanos e no fim os gaúchos, povoaram-no e se estabeleceram, aproveitando-lhe as facilidades naturais.

No intenso progresso que tem tido a região é preciso considerar o papel da tropa federal, numerosa na proximidade das fronteiras internacionais e a proximidade do estado bandeirante, polo que norteia quasi todo o movimento comercial de Mato Grosso, de modo a tornar o planalto de Maracajú o centro donde irradiam quasi todos os caminhos do Estado. A Noroeste atravessando-o no sentido da largura, ligando o altiplano ao pantanal; a estrada de rodagem que pelo espigão demanda Ponta-Porã ou desviando-se em Bolicho Seco, procura a baixada e pela encosta da serra vai a Nioac e se dirige a Bela-Vista. Partindo de Campo Grande, desce nos degraus do vale do Taquari, galga o planalto depois da cidade de Coxim para descer novamente no S. Lourenço e depois pela esplanada da serra da Chapada, descendo as encostas quasi a pique, chega outra estrada a Cuiabá, com novecentos quilômetros. E os caminhos que além da Noroeste se dirigem aos garimpos e ao Rio Paraná para os portos Taboada, Quinze e Independência.

Por êstes últimos se escôa o gado, produção forte do Estado, ao tempo que por Guaira sai a maior parte da herva mate.

Quem percorre êstes caminhos encontra num só dia boiadas e boiadas, constando, em geral, de mil cabeças para facilidade de condução.

Ao longe se divisa uma nuvem alta de poeira vermelha denunciadora da boiada que vem, caminhando lentamente, encorrodada, fechando o caminho. Ao chegarmos muito perto, para o automóvel, pois que seu ruido pode provocar o estouro. Mas é isso mais uma precaução tradicional, visto que nessa altura a boiada, pela enorme distância percorrida, já não está em condições de se espantar com pouco, ou já se acostumou ao veículo barulhento nos numerosos encontros.

Boiada que se vai civilizando, sem preconceitos de superstição. Que não se irrita mais com a côr vermelha de percorrer as longas estradas de um vermelho que não acaba mais e contra a qual de nada mais vale o sal no fogo, simpatia segura no estourar boiadas em outras regiões.

Lentos, balançando a cabeça, lá vêm os bois, às vezes estropiados pela subida da serra no caminho que sobe do pantanal,

a cascaria se soltando aos ataques da aftosa que aproveitou a baixa de resistência, ocasionada nos longos dias de marcha.

Na frente um vaqueiro, bamboleando na sela de um cavalo debruçado e de rédeas frouxas, vem tocando a busina, feita de dois guampos encaixados, ou de um chifre único, enorme, de algum boi pantaneiro muito erado. Os sons graves, monótonos e tristonhos da busina que imita o mugido dos bois, parecem marcar o ritmo lento do passo dos animais.

Ao passar pelo automovel alguns fazem uma meia parada de sobressalto e depois num trote curto seguem para a frente e retomam a calma.

Boiadas uniformes ou heterogêneas. Vem na frente os mais fortes e caminhadores, formando a cabeceira. Depois toda uma série de exemplares, cupins, firmes ou oscilantes, orelhas afuniladas e volteadas ou sem volta, implantação de guanpos e arqueaduras de frontal, delatando o sangue indiano do Gir do Guzerá e do Nelore.

E, às vezes, no meio dêsses quarteirões e oitavões, um guaribú legítimo, chifres em forma de lira, perfil do frontal e dos nasais retilíneos, vacas de úberes bem conformados para o leite, algumas sem tetas que a piranha levou, quando apanhavam o capim macio das baías do pantanal.

E' o remnescente do gado pantaneiro que hoje começa a ser substituído inteira e rapidamente pelo zebú.

Gado do pantanal que, na observação dos campeiros, quando afrouxa no caminho e não pode seguir viagem, ao morrer, volta a cabeça para os lados onde nasceu. E quem lhe encontra o esqueleto, branqueando nos campos, nota-lhe a linha das vértebras, qual agulha magnética indicando um polo: o pantanal.

No meio dessa massa da carne que caminha para a morte passam de olhar inquieto e desconfiado para o automóvel os bois que nasceram e viveram no convívio dos seus semelhantes. Outros porém passam de olhar tranquilo e confiante. São bois enormes, erados, a ponta dos chifres com um orifício onde ainda se nota uma argola de ferro tilintando.

Têm um ar diferente que os individualiza logo, entre os demais. Conviveram com os homens e olham-nos sem receio nem desconfiança. São os bois carreiros.

Levam nos costados as cicatrizes curtas das agulhadas ou os gilvases longos das varas das carretas paraguaias. No pescoço o calo profissional adquirido em duras jornadas sob a canga. As crianças da fazenda conhecem-lhes o nome e sempre estiveram junto dos galpões, esperando o serviço. Perderam a sabedoria dos instintos, porquê a trocaram pela filosofia da humildade que os homens lhes inculcaram.

São talvez os únicos que alheios não percebem a inquietação que lavra na boiada sobre a sina que os aguarda. Ou, quem sabe, adquiriram no sofrimento a superioridade da resignação ao destino inelutável.

Nos flancos ou no couce da boiada vão os vaqueiros, enrijados nas lutas do campo, cheios de confiança em si, acostumados a resolver tudo pelo próprio esforço. São o resumo dos homens da câmpanha. Não nos entenderemos sobre esse tema.

Hospitaleiros ao extremo, na solariedade a que os obriga o isolamento e as grandes distâncias. Isolamento e grandes distâncias, os dois pontos dominadores da formação matogrossense, gerando a hospitalidade cavalheiresca e ao mesmo tempo um egocentrismo originário da necessidade de só contar consigo, barateando a vida humana pela impunidade quasi garantida, criando a descrença na ação das autoridades pela extemporaneidade forçada de sua atuação.

O hábito do cavalo que eivaidece o homem, como já observara Ricardo Franco, as planícies imensas e as causas apontadas acima que moldaram os grandes caudilhos no pampa argentino e no velho Rio Grande do Sul, tem tido aqui os seus similares.

Mas sem formação histórica homogênea, prejudicados pelos recursos modernos do progresso, nos poucos casos surgidos a revolução degradou-se em lutas de vingança e o caudilho deu a sub-espécie do chefe de bando. O progresso rápido vai, cada vez mais eliminando as causas e tornando o ambiente impróprio para novos surtos de caudilhismo. O automovel começa a substituir o cavalo no encurtar das distâncias, cresce e amplifica a atividade agrícola e mesmo a industrial e se pode já perceber, no entrelaço dessas energias, a tendência a cristalizar-se numa civilização poderosa.